

A Escola Infantil como Espaço de Relações que Humanizam e Constroem Aprendizagens, na Perspectiva de Paulo Freire

ELIANE MENDEL SCHNEIDER¹

Resumo: Este artigo é uma proposta do IX Seminário Diálogos em Paulo Freire, que visa refletir e repensar a prática de uma escola pública de educação infantil que iniciou seus trabalhos há poucos meses e na qual atuo como gestora, considerando-a como um espaço de relações sociais e humanas e como aquela que oportuniza múltiplas oportunidades de aprendizagem. Este estudo servirá para compreender as contribuições do mestre Paulo Freire na prática escolar, bem como refletir e buscar sugestões para o grande desafio de construir uma proposta de Escola Pública de Educação Infantil significativa, adequada à realidade, comprometida com a infância e que seja capaz de contribuir para uma sociedade mais humana, justa e feliz.

Palavras-chave: Paulo Freire; Escola de Educação Infantil; Humanização, Aprendizagem e Infância

INTRODUÇÃO

Falar da escola pública de educação infantil como um espaço de relações que humanizam e que constroem aprendizagens sem citar Paulo Freire e suas concepções para este assunto é ignorar seu legado que muito contribuiu e ainda contribui para uma reflexão sobre o papel social da escola e seu compromisso com a infância.

Este artigo é uma proposta do IX Seminário Diálogos em Paulo Freire, que visa refletir e repensar a prática de uma escola pública de educação infantil que iniciou seus trabalhos há poucos meses e na qual atuo como gestora, considerando-a como um espaço de relações sociais e humanas e a sociedade atual como aquela que oportuniza múltiplas oportunidades de aprendizagem.

A revisão bibliográfica será desenvolvida com a contribuição das concepções de Paulo Freire, a partir dos textos lidos e estudados, dos debates nos Círculos de Cultura sobre o autor e de reflexões feitas sobre a realidade educacional, a fim de compreender este grande desafio, refletir e buscar sugestões para construir uma proposta de Escola Pública de Educação Infantil significativa e adequada à realidade

¹ Professora na Rede Pública Municipal de Igrejinha/RS. Atual diretora de uma escola Municipal de Educação Infantil; Especialista em Gestão Educacional pela FACCAT; Especialista em Educação Infantil pela UNISINOS.

em que atuo, de forma que possa contribuir positivamente nas mudanças da educação e sociedade.

ESCOLA COMO ESPAÇO DAS RELAÇÕES E APRENDIZAGENS NA PERSPECTIVA DE PAULO FREIRE

A partir do momento que uma comunidade recebe um prédio para transformá-lo num espaço escolar, surgem as reflexões e o grande desafio de construir uma proposta fundamentada em teorias que julga como significativas e adequadas a sua realidade. Nesta condição é que o autor Paulo Freire entrou em cena para dialogar e contribuir com a proposta que estamos construindo desde março, quando inauguramos e iniciamos as atividades em mais uma escola pública de Educação Infantil em nosso município.

A escola iniciou faltando quase tudo, mas contendo o essencial: gente. Foi quando chegaram as pessoas que o espaço começou a ganhar vida e o grande desafio se iniciou: o de torná-lo um espaço de humanização e de aprendizagem.

Muitas vezes quando pensamos em escola imaginamos um prédio com classes, cadeiras, quadro verde, giz. O que na verdade, não passa de um prédio frio, pois uma escola surge através das relações entre as pessoas. A escola é um espaço onde há relações que são importantes para que o conhecimento e a aprendizagem se concretizem. A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, debater, opinar, questionar. A escola não é só um espaço físico, mas um modo de ser e de ver.

Segundo o nosso sábio mestre Paulo Freire,

“Escola é... o lugar onde se faz amigos, [...] gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima. [...] e a escola será cada vez melhor na medida em que cada um se comporte como colega, amigo, irmão.[...] nada de ser como a o tijolo que forma a parede, indiferente, frio, só. [...] numa escola assim vai ser fácil estudar, trabalhar, crescer, fazer amigos, educar-se, ser feliz.”²

As profissionais foram chegando ao espaço, vindos de lugares diferentes e com experiências distintas, em que alguns mais jovens ingressaram na vida profissional, outros assumiram um concurso público e outros, vieram de outras escolas onde já trilharam uma longa caminhada. Todos vieram com o intuito de se

² Poesia do educador Paulo Freire, disponível no site do Instituto Paulo Freire (www.paulofreire.org)

encontrar, aprender, opinar, ensinar, de se relacionar e conviver uns com os outros e de se comprometer com a infância.

O conceito de relação parte da ideia de que a escola é vista como um espaço de encontros entre os sujeitos e a cultura, deve proporcionar situações de convívio entre todos os que habitam o lugar: diretor, coordenador, educadores, cozinheiras, faxineiras, pais e todas as crianças, independente da faixa etária. O convívio diário, o estar junto no mesmo espaço, desenvolve no sujeito que o habita o sentimento de pertencimento e identidade com o contexto, do qual ele se sente parte integrante e seu reconhecimento como protagonista do cenário criado. Nesse sentido, temos que reconhecer a nossa escola como sendo única, fruto de uma história particular, de seu projeto e de seus atores.

Por isso, as relações que nela acontecem devem estar pautadas nas interações estabelecidas entre sujeitos, cultura, objetos e espaços que configuram o processo educativo: crianças, professores, funcionários da instituição, pais, comunidade, conteúdo e valores explorados, de acordo com o interesse que move o grupo. Essas interações, pautadas em trocas afetivas e vínculos, são construídas com base em uma relação de confiança mútua e na crença de que a ação coletiva é um desafio na atualidade.

A escola se caracteriza por um ambiente democrático, em que o diálogo marca as relações entre os atores da instituição. E por isso, cabe a mim gestora da instituição promover espaços de escutas, diálogos e decisões coletivas, sempre buscando transparência e participação, de forma que cada envolvido possa contribuir com idéias e opiniões, baseados no bom senso, para que juntos, possamos construir uma proposta consciente, responsável e coerente para a escola.

As famílias também chegaram com grandes expectativas, dúvidas e ansiedades para conhecer os profissionais, a proposta e matricular as crianças. Estavam felizes por ter conseguido uma vaga para os pequenos, mas ansiosos em saber se os profissionais eram competentes e se conseguiriam confiar neles para deixar seus filhos e trabalhar tranquilos, tendo a certeza de que as crianças estariam bem cuidadas, se desenvolvendo integralmente e vivendo uma infância sadia e feliz. Chegaram com culturas, histórias, vivências e necessidades distintas.

Como lugar de pessoas e de relações, a escola é também um lugar de representações sociais. Ela é uma instância da sociedade e, portanto, contribui para a transformação da mesma, pois segundo Paulo Freire, “não é a educação que

forma a sociedade de uma determinada maneira, senão que esta, tendo-se formado a si mesma de uma certa forma, estabelece a educação que está de acordo com os valores que guiam essa sociedade” (1975, p. 30).

A escola depende da sociedade para transformar-se e transformá-la e por isso, precisa buscar suas características e necessidades para poder se manter e cumprir seu papel. Ela muda a partir das relações com as famílias, outras instituições e comunidade em geral.

A escola é a segunda comunidade que a criança é inserida, pois a primeira é a família. Em cada comunidade tem suas aprendizagens específicas e para Paulo Freire, não há saber mais ou saber menos: há saberes diferentes. É por isso, que a escola deve acolher, escutar e aprender com as famílias, bem como promover o diálogo, a participação e parceria com as mesmas, para que possam conhecer bem as crianças e junto com seus familiares, ajudá-las a se desenvolverem de forma sadia e feliz.

E por fim, chegaram os atores principais, as crianças. Algumas já tinham a experiência do convívio coletivo, vindo de outras escolas ou de mães crecheiras e outras apenas tinham convivido com a família.

Quando a criança adquire seu direito e começa a freqüentar uma escola de Educação Infantil, precisa ser acolhida e é fundamental que a relação amorosa, desenvolvida com seus pais e cuidadores, seja reconstruída, através do processo de adaptação ao novo grupo, ao espaço e às pessoas com as quais conviverá. Isso requer tempo e investimento por parte dos adultos para fortalecer vínculos de respeito, alegria e pertencimento.

Assim que estas relações vão se fortalecendo em um ambiente acolhedor, lúdico e prazeroso, que permite a circularidade de todos os envolvidos, o diálogo vai se estabelecendo. Pelo diálogo, cada um expõe as próprias idéias e participa das do outro, criando um espaço de comunicação e expressão de relações mais estreitas, significativas e de novas aprendizagens.

Para Paulo Freire, o diálogo vai além do simples contato, implica relações, troca de saberes, confiança nos homens e mulheres, humildade, acreditar e abrir-se ao outro. Enquanto comunicação com alguém sobre algo, no dialogo é construído ou reconstruído o conhecimento. E esse conhecimento não é fundamentado na ação que uma pessoa exerce sobre a outra, mas na comunicação entre elas.

É das relações estabelecidas entre adultos e crianças e as próprias crianças, que deve ser reconhecida a concepção de criança como sendo um sujeito capaz de agir, com direito de se expressar nas múltiplas linguagens e de ser o protagonista das situações do cotidiano. Alguém que desperta o interesse do adulto, que compartilha o encantamento em conhecer o mundo ao seu redor, capaz de se maravilhar com as palavras, gestos e descobertas, momentos mágicos da infância.

Paulo Freire nos ajuda a pensar o ser humano e, evidentemente, as crianças, como seres históricos e produtores de cultura, “(...) seres capazes de saber, de saber que sabem, de saber que não sabem. De saber melhor o que já sabem, de saber o que ainda não sabem” (FREIRE, 2000, p.40). Esse entendimento exige atenção ao fato de que as crianças vivem em contextos socioculturais distintos e possuem diferentes necessidades cognitivas, estéticas, expressivas e emocionais, que precisam ser compreendidas e atendidas, para ampliar suas possibilidades de existência humana no mundo. A aprendizagem deve existir de maneira que valorize a infância, os interesses e as necessidades da criança.

Neste contexto de escola, entendemos que o professor da educação infantil deixa de ser o transmissor de conhecimentos numa relação vertical, para assumir a interação e o diálogo com as crianças, valorizando a sua realidade social e cultural.

O professor é muito mais um mediador do conhecimento, um problematizador. A criança precisa construir e reconstruir o conhecimento a partir do que faz. Para isso, o professor também precisa ser curioso, buscar sentido para o que faz e apontar novos sentidos para o fazer das crianças. Ele passa a se tornar um aprendiz permanente, um construtor de sentidos, um cooperador, e, sobretudo, um organizador da aprendizagem, pois como dizia-nos Paulo Freire, na sua *Pedagogia da Autonomia* (p. 160): “Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria.” Por isso, é importante que eu enquanto gestora, juntamente com a minha coordenadora pedagógica, precisamos encontrar meios que facilitem a formação continuada da equipe de professores, oferecendo as condições para que eles possam refletir sobre a sua prática, participar das decisões coletivas da escola, construir seus projetos de vida, possam sentir-se bem na escola.

Os servidores que exercem as funções de apoio ao pedagógico, sendo eles: o pessoal da limpeza, as merendeiras, as secretárias e o vigia também devem se reconhecer e serem reconhecidos como educadores e aprendizes no espaço

escolar, de modo que estes possam se sentirem parte, responsáveis e comprometidos com a proposta que a escola vem construindo, ou seja, devem ser integrados à proposta pedagógica. Precisam opinar, questionar, aprender, crescer, fazer amigos e ser feliz neste lugar. Para isso, é necessário que eles tenham momentos de informações e de troca de experiências, para melhor exercer suas funções, sempre visando à melhoria do serviço, segundo a dimensão educativa do trabalho.

Enfim, é necessário que todos os envolvidos no contexto escolar, sintam-se responsáveis e comprometidos com a educação, de forma que não sejam apenas adaptados, mas inseridos como sujeitos que fazem parte desta história, para que possam de fato aprender, lutar e contribuir com a proposta que a escola vem construindo. E a partir daí, a escola possa cumprir com o seu papel social e assumir seu compromisso com a infância.

CONCLUSÃO

A partir das reflexões feitas, podemos concluir que a construção desta proposta que sonhamos e idealizamos é um grande desafio, não é uma tarefa fácil. A luta deve ser constante e é necessária, para que a escola possa ser reconhecida e assumida como espaço de diálogo, da pergunta, de caminho que se faz caminhando, mas na certeza de que sabe por onde se quer caminhar. Foi possível, a partir dessa aproximação de Paulo Freire compreender que educação não se faz em um dia, ou em um ano, mas ao longo de uma vida.

Encerramos o estudo, com a certeza de que Paulo Freire contribui e vem contribuindo em nossas reflexões e prática, de forma que é essa escola de Educação Infantil que desejamos construir, uma escola humana, capaz de compreender os desafios de seu tempo, e na luta pelo melhor viver, reconhecer fatos, gestos, unir conhecimentos, recordar. Uma escola comprometida com a infância. Para Paulo Freire, uma escola em que “o direito de saber melhor o que já sabem, ao lado de outro direito, o de participar, de algum modo, da produção do saber ainda não existente” (2006, p. 111). Enfim, construir uma proposta para escola, que seja capaz de contribuir para uma sociedade mais humana, justa e feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 6a ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

FREIRE, Paulo. **A escola**. <http://www.paulofreire.org>.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e pratica da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. 3a ed.; São Paulo: Centauro, 2006.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar / Moacir Gadotti**. – 1. ed. – São Paulo : Publisher Brasil, 2007.